

LEMBRAR PARA NÃO REPETIR

Luiz Alex Silva Saraiva¹

31 de março de 2024 foi, para nós, brasileiros, um dia estranho. Uma data que estranhamente deve ser lembrada, mas, ao mesmo tempo, jamais comemorada. Referimo-nos aos sessenta anos do golpe civil-militar que mergulhou o país em mais de duas décadas de violência e repressão. Em que pese que as forças armadas descontinuaram desde 2023 a vergonhosa tradição de comemorar o início de um dos períodos mais sangrentos da história recente do país, que ninguém se iluda: foi preciso que o Supremo Tribunal Federal formalmente se posicionasse contra algo óbvio: que as forças armadas não constituem um poder moderador (Caldas, 2024). Esta decisão não significa, pelo não imediatamente, que o imaginário de boa parte da população a respeito do papel guardião das forças armadas seja modificado: para muitos há uma esperança vaga de que as coisas podem sempre “ser consertadas” se os militares assumirem o poder. E isso é muito perigoso.

Diferentemente de alguns outros países da América Latina, como a Argentina, que se tornou um exemplo ao punir de forma exemplar militares por crimes de lesa-humanidade durante o período da ditadura (Guembe, 2005), no Brasil o que se viu foi um amplo processo de anistia que, ao livrar de qualquer responsabilidade os

¹ Editor-chefe da Farol – Revista de Estudos Organizacionais e Sociedade. Doutor em Administração pela Universidade Federal de Minas Gerais. Professor Associado da Universidade Federal de Minas Gerais. <http://lattes.cnpq.br/8812184151373749>. <https://orcid.org/0000-0001-5307-9750>. saraiva@face.ufmg.br. Endereço para correspondência: Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Ciências Econômicas. Av. Antonio Carlos, 6627, Pampulha, Belo Horizonte, MG, Brasil. CEP: 31270-901. Telefone: (55 31) 34097235.



militares pelos assassinatos, torturas e desaparecimentos, fomentou um imaginário de tolerância com este período da história do país. Este é um dos aspectos mais mal resolvidos da história recente do país, que insiste particularmente em nos assombrar no final de março de cada ano.

E por que este assombro? Porque para uma parte da população, alienada, desinformada ou simplesmente cúmplice, os militares “salvaram” o país da ameaça comunista, reproduzindo um discurso macarthista profundamente enraizado política e religiosamente em uma posição estadunidense contra a União Soviética na Guerra Fria (Rodeghero, 2002). Este discurso se apoiava essencialmente no que chamamos hoje de desinformação desenfreada, uma vez que os países da cortina de ferro permitiam violações de tudo o que se tinha como *The American way of life*. E a simples ideia de haver outra forma de sociedade foi suficiente para que se erigisse um dos maiores constructos anticomunistas da história, motor para intervenções diretas e indiretas em toda a América Latina, como foi o caso brasileiro.

A ideia do fantasma comunista foi, portanto, não apenas criada como insuflada e continuamente invocada por diversos agentes públicos e privados para tensionar a sociedade local a rejeitar qualquer iniciativa que não fosse “segura” para a família brasileira (Marinho, 2016). Com a invocação de uma pauta essencialmente conservadora, que não por acaso coincidia com os interesses geopolíticos estadunidenses, boa parte da população no Brasil aderiu a essa perspectiva, tendo se tornado mesmo aliada de toda a violência que aconteceu entre 1964 e 1985. Daí podermos afirmar, que entre desinformados, omissos e apoiadores, muitos de nós, brasileiros, contribuíram para que a golpe militar não apenas tenha se concretizado, como se mantido mediante denúncias anônimas e um apoio, explícito ou tácito, às diversas formas de repressão instituídas nesse período. Não dá para continuar chamando o golpe apenas de militar em razão de um amplo aparato civil.

A eleição recente de um político de extrema direita, que insuflou a narrativa da “revolução de 1964” traduziu, assim, o desejo de boa parte da população brasileira, que tratou a escolha pelo conservadorismo institucionalizado como apenas mais uma opção entre outras vigentes, como se não houvesse uma ameaça direta à frágil democracia do país. O que vimos no dia 8 de janeiro de 2023, assim, apesar de ter chocado a muitos, não era de todo imprevisível, uma vez que o ovo da serpente estava sendo chocado há bastante tempo, conforme nos mostra Dieguez (2022).

Por isso coletivamente devemos nos responsabilizar pelo nosso país, inclusive pela clássica expressão do que lembrar e do que esquecer. E precisamos lembrar do período da ditadura e do ódio e do nojo de tudo a que a ele remete precisamente para não permitir que ele se repita; para desnaturalizar a ideia de que o apoio ao golpe é apenas uma questão de “opinião”; para atacar as sementes do ódio a tudo o que não corresponder a uma pauta elitista exclusora e autorreferenciada da direita; e, por fim, para não permitir qualquer ameaça à democracia, por mais que ela se travista de “novo”.

Em que pese o velho argumento da “governabilidade” do país, boa parte dos que elegeram o atual governo o fez esperando posturas diametralmente opostas do horror que vivemos nos quatro anos anteriores. E a postura de silêncio, de não emitir uma simples palavra a respeito dos sessenta anos do golpe foi omissa e que, ao invés de esvaziar o argumento da “revolução”, termina por reforçá-lo, como se houvesse alguma espécie de exagero no que aconteceu, e como se não houvesse um amplo segmento da sociedade civil clamando por posicionamentos e ações de combate à ridícula narrativa anticomunista instalada no país. Ficamos com a impressão de que “quem cala, consente”, justamente do que não precisamos em um momento em que se procura lidar com os estragos do desastre que foi o governo anterior.

NESTE NÚMERO

O número 30 da **Farol – Revista de Estudos Organizacionais e Sociedade**, traz contribuições muito interessantes, divididas em três grandes seções. Na **Capa** contamos com a gentileza de *João Manuel de Oliveira*, que nos presenteou com a imagem *Sem título*, que remete ao sertão sergipano e ao fato de que “viver é perigoso”, como disse Guimarães Rosa.

Na primeira grande seção temos o prazer de publicar uma iniciativa inédita no campo de Estudos Organizacionais no Brasil: o **Dossiê Temático “Animais de organizações”**, que foi competentemente executado pelos editores especiais Leticia Dias Fantinel, Tiago Franca Barreto e Bárbara Eduarda Nóbrega Bastos, a quem agradecemos pela iniciativa e por todo o trabalho editorial. Es editores especiais se dedicaram a esta empreitada desde novembro de 2022, e nos entregam um rico apanhado de textos que abordam diversas nuances do tema.

No primeiro deles, *Apresentação do dossiê temático “Animais e Organizações”*, Leticia Dias Fantinel, Tiago Franca Barreto e Bárbara Eduarda Nóbrega Bastos desenvolvem argumentos na linha de não apenas destacar a necessidade da discussão no campo dos Estudos Organizacionais, mas também no sentido de demarcar a própria iniciativa do dossiê como algo fundamental para o avanço do tema e da sua politização no Brasil e na América Latina.

Em *“Os animais podem ajudar-nos a construir um mundo organizativo mais justo, desorganizar o antropocentrismo” – entrevista com Verónica Policarpo*, contamos com uma entrevista, levada a cabo por Leticia Dias Fantinel, na qual são exploradas as relações entre experiências pessoais e pesquisas com animais, ativismo, formação de redes de pesquisa, sua constituição política e institucional, metodologias, desafios e agendas, bem como sobre possíveis conexões com os estudos organizacionais.

Leonardo Barros Costa Pinto, Aluane Silva Ferreira e Pavel Dodonov nos entregam, em *Abandono de cães e gatos: levantamento bibliográfico e documental sobre causas, implicações e experiências de gestão no Brasil e no mundo*, um amplo e competente compilado de informações sobre o abandono de animais e políticas públicas exitosas, no intuito de contribuir para a gestão de animais de estimação em ambientes urbanos, o que implica combinar políticas públicas, a sociedade e as empresas no intuito de garantir o bem-estar animal e o controle do abandono e dos problemas a ele associados.

Na quarta contribuição do dossiê, *Ecos de um cativeiro: o processo (des) informacional sobre a exportação das dezoito girafas*, *Érica Quadros do Amaral, Fabio Alves Gomes de Oliveira, Ana Paula Assumpção e Andressa da Silva Muniz* se debruçam sobre a importação de girafas para o Brasil, com foco nos aspectos (des) informacionais do caso, o que resulta em um texto posicionado a favor da dignidade animal, que tem sido negligenciada ontológica e epistemologicamente.

A partir de um estudo de caso realizado com uma família que vive no sertão de Pernambuco, *Janice Alves Trajano e Renata Menasche* tecem, em *Acordos e relações entre humanos e abelhas na composição da transição agroecológica*, uma linha de argumentação interessante em torno de como as práticas agroecológicas adotadas pela família permitem observar encontros, negociações e relações de cuidado entre abelhas e humanos, uma aproximação que sugere ganhos mútuos na relação entre pessoas e animais.

Leticia Poliak Almeida e Juan Martin Dabezies, em *El problema no son los perros. una mirada antropológica al debate de los perros sueltos en Uruguay*, trazem à baila as tensões em torno dos cães soltos, abandonados e/ou de rua no Uruguai, um problema socioambiental de crescente interesse público. Os autores argumentam que o estágio do debate atual se baseia na precariedade das políticas públicas, bem como na falta de educação e de ferramentas para visualizar a vulnerabilidade desses animais não humanos.

Em *Refugiados ambientais e uma nova ordem urbana*, Eveline Baptistella trata dos animais silvestres que se refugiam nos espaços urbanos e os desdobramentos de sua presença na organização das cidades. Com base em uma perspectiva interdisciplinar inscrita na tradição dos Estudos Críticos Animais, o texto destaca a importância da inserção dos animais não humanos na esfera de consideração ética dos estudos organizacionais pela via do reconhecimento da relevância da agência animal na organização dos espaços urbanos.

O último texto do dossiê, *A insólita busca de uma pomba na cidade de Lisboa*, de Luanda Francine Garcia da Costa, apresenta um depoimento a respeito do encontro e do desencontro com uma pomba em intensa condição de precariedade numa região central de Lisboa, de modo a conceder-lhe um lugar de vida chorável entre a comunidade humana e assim trazer alguns elementos de análise sobre o lugar de não reconhecimento dos animais mais que humanos como vidas passíveis de luto, partícipes e pertencentes da nossa sociedade, especialmente no que concerne à maneira que criamos e gerimos as cidades, e nos organizamos nelas.

A segunda grande seção é fruto de um trabalho de 17 meses e 7 dias de intenso esforço editorial do Professor Maurício Donavan Rodrigues Paniza, editor especial convidado pela Farol – Revista de Estudos Organizacionais e Sociedade, para a empreitada de homenagear uma das pessoas mais queridas e competentes no campo de Estudos Organizacionais brasileiros.

A **Homenagem a Elisa Yoshie Ichikawa** conta com seis textos de pessoas que quiseram dividir conosco suas trajetórias intelectuais e afetivas juntamente com a querida Professora Elisa, referência de tanta coisa para tantas pessoas. Muito antes da temática do afeto estar em voga (Pessoa, Mantovani & Saraiva, 2023), ela intuitivamente já construía e mantinha intensas relações afetivas com os que a cercavam, o que se traduziu em dezenas de professores e pesquisadores espalhados pelo mundo e tocados por uma forma toda especial de fazer parte da academia brasileira.

No primeiro dos textos, *Entre pessoas estabelecidas e pessoas ordinárias: uma homenagem à Elisa Yoshie Ichikawa e à sua contribuição aos estudos organizacionais*, Maurício Donovan Rodrigues Paniza e Lucy Woellner dos Santos além de apresentar a seção de homenagem, apresentam algumas histórias que ajudam a entender o motivo desta iniciativa.

Luciano Mendes e Maria Iolanda Sachuk, em *Uma trajetória, vários caminhos: as diversas pegadas deixadas num percurso acadêmico*, se debruçam sobre a trajetória da Profa. Elisa Ichikawa, evidenciando suas contribuições à área de Administração, especificamente para a linha de pesquisa em Estudos Organizacionais, concluindo com considerações sobre seu posicionamento enquanto professora e pesquisadora, que transcende o *mainstream* da área de Administração no Brasil.

Na terceira contribuição, *O encontro leve, elegante e generoso: Elisa Yoshie Ichikawa, Nathália de Fátima Joaquim e Alexandre de Pádua Carrieri* partem da ideia de homenagear uma grande pesquisadora da área de Estudos Organizacionais, para isso recuperando memórias vivenciadas com ela, no contexto da academia e, por vezes, fora dele, uma tarefa de grande responsabilidade tendo em vista se tratar de uma professora de destaque na área, alguém para quem as palavras são insuficientes para refletir o cotidiano.

Em *De professora doutora Elisa Yoshie Ichikawa a simplesmente Elisa: nossas histórias com a docente, pesquisadora e amiga*, Priscilla Borgonhoni Chagas, Cleiciele Albuquerque Augusto e Jaiane Aparecida Pereira apresentam um texto informal e afetivo resgatando vivências individuais de sua história com a Elisa. Para as autoras, relemburar, refletir e trazer à tona essas memórias, nos fez perceber o quanto a vida acadêmica é repleta de afetos – e o quanto temos sorte de conviver com pessoas de coração generoso, de inteligência ímpar e de presença leve, como a homenageada, alguém a que são gratas pela contribuição para a jornada acadêmica e pela amizade.

Eline Gomes de Oliveira Zioli, Josiane Barbosa Gouvêa e Rocío Del Pilar López Cabana, em Uma viagem ao encontro de desconstruções e afetos: caminhos trilhados junto à professora elisa na trajetória de pesquisadoras iniciantes, a partir de suas experiências de ex-orientandas da Professora Elisa, fogem dos rigores acadêmicos para falar de suas relações com alguém que tem profundo zelo pelo fazer científico e que é profundamente humana em suas relações, mesmo as hierarquizadas entre orientadora e orientadas.

Encerrando a homenagem, no texto *Memórias, afeto e representatividade: uma homenagem à Elisa Ichikawa*, Gabriel do Carmo Yamamoto, Luana Furtado Vilas Boas e Alice Gerlane Cardoso da Silva revisitam suas memórias a partir de suas vivências e experiências enquanto orientandos de Elisa. Apesar de os relatos serem individuais, o aprendizado adquirido no convívio, no caminho e no cotidiano com a Elisa os perpassa e, de certa forma, os atravessa, os transforma e os une.

REFERÊNCIAS

Caldas, Ana L. (2024). *STF forma maioria contra "poder moderador" das Forças Armadas*. Recuperado em 7 abril, 2024 de: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/radioagencia-nacional/geral/audio/2024-04/stf-forma-maioria-contra-poder-moderador-das-forcas-armadas>.

Dieguez, Consuelo (2022). *O ovo da serpente: Nova direita e bolsonarismo: seus bastidores, personagens e a chegada ao poder*. São Paulo: Companhia das letras.

Guembe, Maria J. (2005). Reabertura dos processos pelos crimes da ditadura militar argentina. *Sur – revista Internacional de Direitos Humanos*, 3(2), 120-137.

Marinho, G. F. (2016). Instituto de Pesquisa e Estudos Sociais: a produção de sentidos simbólicos em um país polarizado. *Farol – Revista de Estudos Organizacionais e Sociedade*, 3(8), 1050-1101.

Pessoa, Sonia C., Mantovani, Camila M. C. A., & Saraiva, Luiz Alex S. (2023). *Afetos e experiências da na e para a universidade – volume 1*. Porto Alegre: Fi.

Rodeghero, Carla S. (2002). Religião e patriotismo: o anticomunismo católico nos Estados Unidos e no Brasil nos anos da Guerra Fria. *Revista Brasileira de História*, 22(44), 463-488.

CONTRIBUIÇÃO

Luiz Alex Silva Saraiva

O autor declara ser o único responsável por todas as fases envolvendo a elaboração desta contribuição.

CONFLITOS DE INTERESSE

O autor declara não haver conflitos de interesse.

PROCEDIMENTOS ÉTICOS

O autor declara que foram observados os princípios e preceitos éticos que norteiam a pesquisa com seres humanos no estudo que serviu de base para esta contribuição.

AGRADECIMENTOS

O autor agradece à Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) pela infraestrutura de pesquisa e de trabalho e ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) pelos recursos que permitiram viabilizar esta publicação.

COMO CITAR

Saraiva, Luiz Alex S. (2024). Lembrar para não esquecer. *Farol – Revista de Estudos Organizacionais e Sociedade*, 11(30), 1-10.